

Nesse verão, a senhora Blaha, esposa, de um pequeno funcionário do caminho de ferro de Turnan, Venceslau Blaha, foi passar algumas semanas a sua terra natal. Era uma vilória muito pobre e banal, situada na planície pantanosa da Boémia, na região de Nimburgo. Quando a senhora Blaha, que, apesar de tudo, se sentia em certa medida uma pessoa da cidade, tornou a ver todos aqueles casinhotos miseráveis, considerou-se capaz de uma acção caridosa. Entrou em casa de uma campónia que conhecia e que tinha uma filha e propôs-lhe levar a rapariga para a sua casa da cidade, tomando-a ao seu serviço. Pagar-lhe-ia um ordenado modesto e a rapariguinha gozaria da vantagem de estar na cidade e aprender lá muitas coisas. (A senhora Blaha não se apercebia bem do que a rapariga lá poderia aprender). A camponesa discutiu a proposta com o marido, que carregava muito o sobrecenho e se limitou, como resposta, a cuspir para o lado e, por fim, perguntou:

- Ora diz lá, a senhora sabe que a Ana é um pouco...?

E dizendo isto, agitou em frente da testa a mão queimada e enrugada como uma folha de castanheiro.

- Imbecil! - respondeu a camponesa. - Não somos nós que devemos...

E assim foi Ana para casa dos Blaha. A maior parte das vezes ficava sozinha durante o dia inteiro. O patrão estava no escritório e a senhora trabalhava em costura fora de casa; não tinham filhos.

Ana passava o tempo sentada na pequena cozinha sombria, uma das janelas da qual dava para o pátio, e esperava a chegada da caixa de música. Vinha todas as tardes, antes do pôr do sol. Inclina-se então o mais que podia para fora da janela e, enquanto o vento lhe agitava os cabelos claros, dançava interiormente até à vertigem e até que as paredes altas e sujas parecessem balouçar-se uma em frente da outra. Quando a dominava o medo da solidão, percorria toda a casa, descia a escada sombria até ao saguão, onde um homem cantava, meio embriagado. Encontrava sempre no seu caminho crianças, que vagabundeavam durante horas sem fim no pátio, sem que os pais notassem a ausência de nenhuma delas, e, coisa estranha, os pequenos pediam-lhe sempre que lhes contasse histórias. Por vezes seguiam-na mesmo até à cozinha. Ana sentava-se então ao lado do forno, escondia o rosto pálido nas mãos e dizia: «Reflectir». As crianças esperavam durante algum tempo. Mas quando Anuska continuava a reflectir e o silêncio na cozinha sombria as intimidava, as crianças fugiam, sem verem que a pobre rapariga se punha a chorar com lamentosa meiguice e que a saudade da terra a torturava. De que tinha ela saudades? Ninguém poderia dizer-lo. Talvez até das pancadas que lá lhe davam. A maior parte das vezes não sabia o que era que a fazia sofrer de saudades; talvez alguma coisa que um dia existira, a menos que tivesse sido apenas sonho. À força de reflectir sempre que tinha as crianças junto de si, foi-se, pouco a pouco, recordando. A princípio era vermelho, vermelho, depois aparecia uma grande multidão. Ouvia-se então o pesado som de um sino e, em seguida, surgiam um rei, um camponês e uma torre. «Meu senhor rei», disse o campónio... «Sim», respondeu o rei em voz altiva, «já sei». E, com efeito, como é que um rei poderia ignorar tudo aquilo que um camponês pode ter para lhe dizer?

Algum tempo depois, a patroa levou a rapariguinha a fazer compras. Como o Natal se aproximava e era à tardinha, as montras estavam já iluminadas e providas de uma porção de coisas. Numa loja de brinquedos, Ana viu, de repente, aquilo que era objecto da sua recordação: o rei, o campónio e a torre. Oh! E o coração bateu-lhe com mais força do que os seus passos no lajedo. Mas depressa desviou os olhos e, sem se deter, continuou a seguir a senhora Blaha. Dominava-a o sentimento de que não deveria revelar nada do seu segredo, e o teatro das bonecas ficou atrás delas, como se não o tivessem notado.

Com efeito, a senhora Blaha, não tendo filhos, nem sequer tinha feito reparo.

Um pouco mais tarde, Ana teve o seu dia de saída. Não voltou à noite. Um homem, que encontrara à porta de um café, fez-lhe companhia, e não se lembrava com exactidão do lugar aonde ele a conduzira. Afigurava-se-lhe ter estado ausente durante um ano inteiro. E quando, fatigada, voltou, na segunda de manhã, para a pequena cozinha, esta pareceu-lhe ainda mais fria e mais sombria do que habitualmente. Nesse dia, partiu uma terrina, o que lhe valeu uma violenta descompostura. A patroa nem sequer notara a sua ausência durante uma noite inteira. Depois, pelo começo do ano, dormiu fora mais três noites. E, de repente, deixou de passear através da casa, fechou, receosamente, a janela e nunca mais apareceu, nem mesmo quando a caixa de música surgia.

Assim passou o Inverno, e uma pálida e tímida Primavera começou. É uma estação com um aspecto muito particular nos pátios interiores. As casas são negras e húmidas, mas a atmosfera aparece, ali, luminosa e comparável ao linho mais branco. As janelas, mal lavadas, lançam reflexos saltitantes e leves flocos de poeira dançam ao vento, descendo ao longo dos andares. Ouvem-se os ruídos da casa inteira, as caçarolas tilintam com um barulho muito diferente do habitual, com um som mais claro, mais agudo, e até as facas e as colheres têm som diferente.

Nesse tempo, Anuska teve um filho. Foi para ela uma grande surpresa. Depois de se sentir, durante longas semanas, volumosa e pesada, aquilo escapou-se-lhe, uma bela manhã, de dentro, e surgiu neste mundo, vindo sabe Deus donde. Era domingo e toda a gente dormia ainda em casa. Olhou durante um instante a criança, sem o rosto se lhe alterar o mínimo que fosse. Mal se mexia! De repente, porém, uma vozinha aguda saiu do pequenino peito. No mesmo instante, a senhora Blaha chamou e as molas da cama estalaram no quarto de dormir. Anuska agarrou então no avental azul que estava em cima da cama, apertou as fitas em volta do pescocinho delgado e pôs aquilo, como um embrulho, no fundo da mala. Passou depois à cozinha, entreabriu as cortinas e começou a preparar o café.

Num dos dias seguintes, Anuska deitou contas aos salários que até então recebera: eram quinze florins. Fechou depois a porta, abriu a mala e poisou o avental azul, com o que continha, em cima da mesa. Abriu-o, lentamente, olhou a criança, mediu-a dos pés à cabeça com a ajuda de um metro. Depois, pôs, de novo, tudo em ordem e foi à cidade. Que pena! O rei, o camponês e a torre eram muito mais pequenos. Trouxe-os, contudo, e, com eles, outras bonecas ainda, a saber: uma princesa com manchas vermelhas e redondas nas faces, um velhote com uma cruz ao peito e que se parecia com S. Nicolau por causa da barba comprida e mais duas ou três outras menos belas e imponentes. Além disso, um teatro cujo pano subia e descia, mostrando ou escondendo o jardim que formava o cenário.

Anuska tinha, finalmente, com que se ocupar durante as suas horas de solidão e de nostalgia. Instalou aquele magnífico teatro (custara doze florins) e colocou-se por detrás dele como convém. Mas, por vezes, quando o pano subia, corria pela frente do teatro, olhava para aquele jardim, e toda a cozinha, pardacenta, desaparecia, então, por detrás das grandes árvores magníficas. Depois recuava alguns passos, pegava em duas ou três bonecas e punha-as a falar. Não era uma verdadeira peça; as bonecas falavam e respondiam umas às outras; também, por vezes, acontecia que duas bonecas, como que aterrorizadas, se inclinavam, subitamente, uma diante da outra, ou faziam um cumprimento ao velhote que não podia curvar-se, por ser todo de madeira. Por isso, a emoção fazia-o em todos esses casos cair para trás.

O boato dessa brincadeira correu entre as crianças, e, em breve, os pequenos da vizinhança, a princípio prudentes e depois cada vez mais atrevidos, apareceram na cozinha dos Blaha, de pé, pelos cantos, quando a noite começava a cair, sem perderem de vista as belas bonecas que repetiam sempre as mesmas

coisas.

Um dia, Anuska, com as faces em fogo, disse:

- Tenho ainda uma muito maior!

As crianças tremiam de impaciência. Mas Anuska parecia esquecida do que acabara de dizer. Dispôs todas as personagens no jardim, apoiando contra o cenário as que não podiam ter-se em pé. Nesta ocasião apareceu uma espécie de Arlequim, de grande cara redonda, que as crianças não se lembravam de ter visto. A curiosidade ainda ficou mais excitada com todo aquele esplendor, e os pequenos suplicaram que lhes mostrasse a «maior de todas». Só uma vez, a «maior de todas»! Por um instante só, a «maior de todas»!

Anuska caminhou para a mala. A noite caía. As crianças e as bonecas estavam de pé, umas em frente das outras, silenciosas e quase iguais. Mas, dos grandes olhos abertos do Arlequim, que pareciam esperar qualquer espectáculo terrível, espalhou-se, de súbito, um tal pavor pelas crianças que soltando agudos gritos, fugiram sem excepção. Um grande objecto azulado se destacava nas mãos de Anuska, que, de repente, tinham começado a tremer. A cozinha, abandonada pelas crianças, ficara estranhamente vazia e silenciosa. Anuska não sentia medo. Riu docemente, derrubou o teatro com um pontapé, depois espezinhou as travessazinhas de madeira que tinham figurado o jardim, e, quando a cozinha ficou mergulhada na noite, andou à roda dela, a ofender o crânio a todas as bonecas, incluindo a azul, a maior.